

Nome e cultura: o estudo sócio-onomástico na escolha do segundo nome na antroponímia rondonense

Choice of middle names in the anthroponymy in Marechal Cândido Rondon city – Parana state

Patrícia Helena FRAI*

RESUMO: Nomear pessoas é um ato corriqueiro feito em toda comunidade existente, por isso fica evidente que diferentes localizações, países e culturas atribuem nomes próprios de sua região, podendo assim revelar marcas culturais e identitárias do povo que os utiliza. É nesse sentido que o presente trabalho expõe os resultados de uma dissertação de mestrado intitulada *Motivação para a escolha de um segundo nome na antroponímia rondonense* que teve como objetivo central investigar os modelos atributivos mais utilizados para a escolha do segundo prenome, na cidade de Marechal Cândido Rondon, Paraná, tendo em vista as possíveis influências socioculturais presentes na prática de nomeação. A pesquisa foi realizada tanto pelo viés quantitativo quanto qualitativo. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com portadores de nomes justapostos ou pais que atribuíram tais nomes aos filhos, totalizando 250 nomes distribuídos em um recorte temporal da década de 1930/1940 até 2014. Os resultados da investigação mostraram divergências entre a prática de nomeação de homens e mulheres; enquanto para mulheres prevalece o

ABSTRACT: Naming people is a common act in every existing community, so it is evident that in different locations, countries and cultures people use names of their region, thus revealing cultural and identity traits of the people who use them. In this sense, this work presents the results of a master's dissertation entitled *Motivation for second name choice in Marechal Cândido Rondon's anthroponymy*, whose main objective was to investigate the attributive models most used in the choice of the second name in the city of Marechal Cândido Rondon, Parana state, considering the possible socio-cultural influences in the naming practice. The research was carried out both by quantitative and qualitative methods. For this purpose, semi-structured interviews were carried out with people with juxtaposed names or parents who assigned such names to their children, totaling 250 names distributed in a time cut from the 1930s to 2014. The research results showed divergences between the practice of naming for men and women; while for women the attributive religion model prevails; for men, the motivation homage to the family

* Mestre em Letras e doutoranda em Letras pela UNIOESTE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0961-0051>. patriciafrai@hotmail.com

modelo atributivo religião; para os homens, sobressai a motivação homenagem à família, especificamente pais e avôs.

stands out, specifically fathers and grandfathers.

PALAVRAS-CHAVE:

Antroponomástica. Sócio-Onomástica. Nomes justapostos.

KEYWORDS: Anthroponomastics. Socio-onomastics. Juxtaposed names.

1. Introdução

Atribuir nomes às coisas, objetos e pessoas é algo inerente do ser humano. Observa-se que desde as antigas civilizações, como na Idade Média, o nome próprio de pessoa evidenciava de qual família e região o indivíduo pertencia (SANTOS, 2003). Também, ao perceber diferentes comunidades, pode-se notar que nomes de pessoas, denominados cientificamente de antropônimos, são atribuídos por diferentes motivos em cada comunidade. Assim, nomes religiosos, por exemplo, podem ser atribuídos aos filhos cujos pais são devotos de algum santo; nomes de avôs podem ser atribuídos aos netos para que tal antropônimo passe de geração a geração; nomes considerados “diferentes” por terem uma grafia distinta ao da Língua Portuguesa pode ser atribuído a um filho quando os pais desejam um nome singular ao seu sucessor.

Dessa forma, o que se pode perceber é que a prática de nomeação revela não apenas o uso de um signo linguístico, que designa um determinado indivíduo, mas também revela uma preferência antroponímica dos pais. Nesse âmbito, a fim de investigar o fenômeno de nomeação, surge a Onomástica, área da Lexicologia que estuda os nomes próprios: seja pessoas, ruas, cidades ou estabelecimentos; e especificamente a Antroponomástica, detém-se ao estudo dos nomes próprios de pessoas.

Nessa direção, o objetivo do presente artigo é explicitar os principais dados analisados em uma dissertação de mestrado defendida no ano de 2016. O objetivo da pesquisa foi analisar quais modelos atributivos foram mais utilizados na escolha de um segundo nome na antroponímia da cidade de Marechal Cândido Rondon – Paraná.

Entende-se por segundo nome, a segunda peça lexical de nomes justapostos, como por exemplo: *Pedro Henrique, Maria Eduarda*. Destaca-se que a dissertação de mestrados se limitou em analisar apenas o segundo nome, denominado de n2, devido à grande quantidade de dados coletados. Ademais, a dissertação de mestrado analisou de que forma as influências sociais e culturais podem influenciar nessa prática de nomeação. Para tanto, o aporte teórico principal utilizado para sustentar os objetivos é a Sócio-Onomástica (VAN LANGEDONCK, 2007).

O *corpus* do trabalho contemplou 250 nomes justapostos atribuídos ou portados por moradores do município de Marechal Cândido Rondon, no estado do Paraná. A amostra foi delimitada de modo a contemplar as décadas de 1930- 1940, década de 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010. Tal recorte temporal foi selecionado devido ao processo de colonização ocorrido na região oeste do Paraná, que teve início em meados da década de 1950. Para a geração de dados, foram realizadas pesquisas semiestruturadas com os pais que atribuíram um nome justaposto ao filho e, também, com o próprio portador do nome próprio. Em seguida, os nomes foram analisados quantitativa e qualitativamente. Inicialmente, os antropônimos foram categorizados em modelos atributivos em seguida, foram analisados, à luz da Socio-Onomástica, os possíveis fatores que puderem ter contribuído para tal prática de nomeação.

Cumprido evidenciar aqui que para o presente artigo, foram explicitados os principais resultados analisados na dissertação de mestrado. Faz-se necessário tal recorte devido à quantidade de dados quantificados e analisados posteriormente. Desse modo, os resultados explicados relacionam-se ao modelo de atribuição tradicional religião para mulheres e o modelo de atribuição tradicional homenagem aos avôs para os homens, no período de 1930 – 1950 até 1960; e o modelo de atribuição da moda para ambos os sexos, a partir de 1980.

Para entendimento terminológico, faz-se pertinente apontar as escolhas terminológicas utilizadas. O termo *antroponímia* faz referência ao conjunto de nomes;

e a *Antroponomástica*, para a ciência que os estuda. Esses são os fundamentos teóricos que subjazem às pesquisas relacionadas aos estudos de antropônimos.

No presente trabalho, primeiramente, far-se-á uma breve explanação sobre a área de pesquisa da Onomástica, bem como os pressupostos teóricos que norteiam tal área de estudo. Em seguida, serão apontados os modelos de atribuição antroponímica utilizados e a descrição da metodologia utilizada para a análise dos dados. Por conseguinte, encontra-se os principais resultados analisados na dissertação de mestrado e, por fim, as considerações finais.

2 Fundamentação teórica

Em relação aos estudos dos nomes, cabe à área maior da Lexicologia estudá-los. De acordo com Biderman (1998), essa ciência trata de estudar a categorização e estruturação dos nomes das coisas e objetos; quando se nomeia algo, o indivíduo o classifica, tendo um significado para ele (1998, p. 11).

Diversos são os objetos de estudos da Lexicologia, entre eles, há trabalhos com processos de formação de neologismos, formação de palavras e, também, o estudo efetivo dos substantivos próprios, denominados aqui como os nomes próprios de pessoas e lugares em geral. Nessa direção, há uma linha de pesquisa denominada de Onomástica, que se detém em estudar os nomes próprios de pessoas, também chamados de antropônimos.

Ao comparar com estudos da área em outros países, no Brasil, especificamente, os estudos onomásticos ainda são recentes. Dick (1992) aponta a existência de duas subáreas concernentes aos estudos dos nomes próprios. Primeiramente, a Toponímia que se detém ao estudo dos nomes de lugares: ruas, cidades, estabelecimentos; e a Antroponímia, que se efetiva em analisar os nomes os antropônimos, como por exemplo: prenome, sobrenome, alcunha, nomes de guerra, pseudônimo; segundo a autora “a Antroponímia, ciência que estuda os nomes próprios individuais, “em suas

origens e alterações”” (DICK, 1992, p. 190, grifos da autora). É por isso que analisar os antropônimos possibilita conhecer não apenas os fenômenos linguísticos restritos aos nomes próprios, como também de que forma são utilizados, suas origens e variação.

Outro estudioso brasileiro que estudou e categorizou os nomes próprios de pessoas foi Guérios (1981). Segundo o autor:

Os antropônimos podem ser estudados sob dois aspectos principais: 1º) Sob o aspecto linguístico, da sua origem ou criação (etimologia); e 2º) sob o aspecto social ou psicossocial, o da sua escolha ou das razões por que são ou foram sempre empregados (GUÉRIOS, 1981, p. 16).

Nessa perspectiva, há diferentes possibilidades de fazer pesquisas no campo da Onomástica, tanto no nível linguístico quanto no nível social, cultural. É nesse sentido que a dissertação de mestrado, cujos resultados aqui são explicitados, detém-se ao estudo efetivo dos antropônimos sob o aspecto social, conforme aponta Guérios. Por isso, enfatiza-se aqui que o estudo dos nomes próprios sob esse viés é pertinente e importante, justifica assim, o porquê de se fazer pesquisas voltada para esse entendimento, uma vez que é assim que se pode compreender a organização social e cultural de um determinado local, ou seja, estudar os nomes próprios de pessoas revelam as marcas identitárias e culturais de uma comunidade, revelando assim, um caráter interdisciplinar dos estudos da Antroponomástica.

Dick (1992) aponta que estudar os nomes próprios de pessoas pode revelar marcas históricas, geográficas, culturais e religiosas. Isso demonstra que os antropônimos não são apenas um código linguístico, eles evidenciam marcas identitárias da sociedade que os utilizam. É por isso, nessa direção teórica, que os estudos dos nomes se fazem aqui pertinentes.

No que se refere ao aporte teórico, a dissertação de mestrado de Frai (2016) ancora a análise e compreensão do uso dos antropônimos a partir da Sócio-Onomástica. Inicialmente, a autora aborda principalmente os estudos de Van

Langedonck (2007). O autor do livro *Theory and Typology of Proper Names* ampara seus estudos na teoria Variacionista de William Labov, área da Sociolinguística destinada ao estudo linguístico e sua relação com a sociedade. De acordo com Van Langedonck “os nomes próprios são signos linguísticos ancorados socialmente e são grande parte e parcela do inventário linguístico de uma comunidade¹” (2007, p. 306, tradução nossa). Tal afirmativa justifica a análise dos nomes próprios considerando não apenas seu sentido etimológico, restrito, mas também o porquê das escolhas dos prenomes, considerando a vontade dos pais ao atribuir um nome e que tais vontades são motivadas por fatores sociais e culturais.

Seide (2013) também discorre sobre analisar os nomes sob a perspectiva sociocultural, observando como os aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais podem interferir na prática de nomeação de um determinado lugar, relacionando, ainda, com a própria constituição identitária das pessoas. Segundo a autora, o nome o identifica como pertencente a uma comunidade, sendo semelhante aos que também nela se inserem. (SEIDE, 2013, p. 174).

Nessa direção, Frai (2016) aponta diferentes perspectivas de trabalho sob esse viés teórico. A primeira autora a apontar tais perspectivas é López Franco (2011), pesquisadora que é referência para a dissertação de mestrado. Em seu trabalho, a autora categoriza os antropônimos a partir de informações coletadas em certidões de nascimento de moradores da cidade de Tlanepantla de Baz, no México, em um período de 100 anos -de 1901 a 2000. López Franco (2011) analisou os antropônimos em um recorte diacrônico, observando a frequência de uso, e também em qual língua -majoritária ou de substrato- finalizando com a análise morfossintática.

Seide (2013) analisou parte dos nomes de ruas da cidade de Toledo – Paraná criados a partir de antropônimos, a partir da coleta de dados de Cognese (2011). O

¹ Proper names are socially anchored linguistic signs and as such part and parcel of the linguistic inventory of a society (VAN LANGEDONCK, 2007, p. 306).

objetivo da pesquisa foi observar se há ou não relação etimológica com o prenome e sobrenome. O resultado apontou que há divergências entre o processo etimológico do primeiro e o sobrenome. Conforme Seide, tal resultado é esperado uma vez que muitas vezes, o nomeador não conhece a origem etimológica do nome, o que tal fator pode não ser considerado no processo de nomeação. No entanto, não há uma comprovação efetiva sobre o conhecimento ou não desse fator, por isso, Seide (2013, p. 174) aponta que pesquisas que partem da análise documental são limitadas. Desse modo, seria necessário realizar entrevistas a fim de conhecer de fato os reais motivos da escolha de um antropônimo.

Outra pesquisa é a de Grespan (2013) a respeito dos nomes próprios de pessoas na cidade de Toledo – PR. Na pesquisa, a autora procurou compreender como os habitantes de Toledo nomearam seus filhos, buscando aspectos inovadores no sistema de nomeação e atribuindo ao estudo etimológico dos nomes um papel secundário. Ela coletou 600 nomes, registrados entre os anos de 1954 e 2004, obtidos a partir de certidões de nascimento no cartório de registro civil na cidade de Toledo.

Os resultados afirmaram que ocorreram mudanças na prática de nomeação. Durante o período analisado, constatou-se que houve inovação na norma antroponímica do município, principalmente nos antropônimos concernentes às últimas décadas. A autora constatou o uso de muitos nomes por justaposição, como também, antropônimos formados com fenômenos modificadores, como por exemplo, o uso de “ll”, “y”, “w” em nomes como *Anildo Mathias*, *Elizabetha*, *Adriane Cristhina*, *Dayane Cristhine* e *Raphael*. Entretanto, devido à falta de entrevistas, as reflexões sobre as reais motivações e o uso de nomes considerados inovadores à norma partem de hipóteses explanatórias, como por exemplo, a influência de meios midiáticos na prática de nomeação.

Vescovi (2015) também realizou uma pesquisa semelhante em outros municípios no oeste do Paraná. O objetivo da autora foi descrever os aspectos da

norma antroponímica em dois municípios: Palotina e Maripá, analisando a possibilidade de convergências e divergências, uma vez que o processo de colonização de cada município foi diferente.

O *corpus* de Vescovi (2015) é constituído por 600 nomes registrados no cartório civil de Palotina - PR, nas datas 1957, 1967, 1977, 1987, 1997 e 2007. Ainda, devido a fatos históricos, foram coletados os 100 primeiros registros das décadas de 1970, 1971 e 1975. No município de Maripá - PR, foram coletados nomes das décadas 1966, 1976, 1986, 1996 e 2006-2008. Para a pesquisa, a autora traz um parâmetro histórico amplo sobre o processo de povoamento dos locais. A Era da Hortelã – período de plantação de hortelã em Palotina – mostrou a vinda de muitos migrantes de outras regiões brasileiras para o município. Dessa forma, a partir desse período histórico, constatou-se que nomes ainda não utilizados, começaram a ser registrados em crianças nascidas. Por fim, também, analisou-se que as diferenças das normas antroponímicas são diferentes para nomes femininos e masculinos. Para nomes de mulheres, houve mais nomes variados, enquanto que para homens, os nomes apresentaram maior repetição na ocorrência.

2.1 Classificação dos nomes justapostos

Como já mencionado anteriormente, a pesquisa se utilizou dos nomes justapostos de homens e mulheres em Marechal Cândido Rondon e, a análise das motivações foi a partir do segundo nome, também denominado como n2.

No sistema antroponímico brasileiro, é muito comum a ocorrência de pelo menos: *prenome + sobrenome* ou, ainda, *prenome 1 + prenome 2 + sobrenome*. A junção de prenome 1 + prenome 2 pode caracterizar nomes compostos ou justapostos. Nomes compostos são caracterizados como, de acordo com López Franco (2011) como dois nomes atribuídos juntos por uma convenção social; são antropônimos que são usados

juntos e possuem um sentido de atribuição único, a exemplo: Maria das Graças, Ana Maria, Maria Luiza, José Maria.

Os nomes justapostos, objeto de estudo da pesquisa, constitui o uso de *prenome 1 + prenome 2* de forma não convencional, isto é, são prenomes utilizados com significados e motivações distintas.

2.2 Modelos de atribuição nominal

Dick (1992) e Guérios (1981) categorizaram motivações para a atribuição de nomes próprios. No entanto, para a presente pesquisa aqui explicitada, utilizou-se os modelos de atribuição de nomes categorizados por Jiménez Segura (2014). De acordo com a autora, as motivações podem ser classificadas em tradicionais, por influência da moda e por eleição livre. A autora distingue cada uma delas:

a) Modelo de atribuição nominal tradicional religiosa: engloba antropônimos religiosos utilizados devido à devoção, nomes atribuídos aos filhos porque os pais são devotos por algum santo ou nome bíblico; nomes atribuídos a partir da data do calendário litúrgico, ou seja, a criança é nomeada com o nome do santo correspondente a data de nascimento. Por fim, há também a homenagem ao padrinho ou madrinha – crianças cujo nome é atribuído como forma de homenagem àquela pessoa que auxiliará na criação religiosa cristã do indivíduo nomeado.

b) Modelo de atribuição nominal tradicional homenagem à família: são os nomes atribuídos para homenagear uma figura familiar: avós, avôs, pais, primos, tios, entre outros.

c) Modelo de atribuição da moda: segundo López Franco (2014), nomes atribuídos por causa de um modismo referem-se à preferência de determinados nomes em um período de tempo. Foram consideradas como moda as motivações influenciadas pela mídia: nomes que foram atribuídos devido a alguma pessoa famosa (atriz, ator, cantores ou personagens). Outra motivação considerada moda foi a estética, que pode

ser dividida em: estética propriamente dita – por achar o nome bonito, ortografia e pronúncia – quando o nome possui uma ortografia interessante aos pais (podendo ser mais complexa ou simples) ou que a pronúncia seja simples.

d) Modelo de atribuição eleição livre: motivações que não são classificadas nem como tradicionais, nem como da moda; são motivações distintas elencadas pelos pais, são elas: influências históricas e políticas, causalidade, circunstância de nascimento, univocidade, crenças individuais, influência literária, nome à disposição e significado do nome.

3 Metodologia

Nas pesquisas Antroponomásticas, é comum a coleta de dados a partir da análise de certidões de nascimento. Nesse enfoque, o pesquisador vai ao cartório de registro civil da cidade e utiliza os dados dos livros de registro, conforme seu objeto de estudo. No entanto, tal método é limitado ao considerar que não há certeza sobre a real motivação de um nome, pois não há como solicitar aos pais o porquê de ter atribuído um nome ao filho.

Nessa direção, a fim de que os objetivos da pesquisa fossem contemplados, escolheu-se um método de coleta de dados que pudesse esclarecer a real motivação para a escolha de nomes justapostos na cidade de Marechal Cândido Rondon; portanto, na escolha de um método adequado, escolheu-se o uso de entrevista semiestruturada.

A pesquisa se utilizou do método quantitativo para a construção da amostra (MARCONI; LAKATOS, 1996), como também do método qualitativo para a análise dos dados. Tendo em vista que o objetivo foi analisar as motivações utilizadas pelos pais no processo de nomeação e observando que a análise documental limitaria a pesquisa, observou-se que o pesquisador deveria adentrar ao campo de pesquisa. Ao desenvolver a entrevista semiestruturada, primeiramente, deveria se considerar a

questão do paradoxo do observador (1987), visto que seria inegável a interferência do pesquisador para com o objeto de estudo.

A pesquisa parte da seleção de 250 nomes justapostos atribuídos ou portados por moradores do município de Marechal Cândido Rondon. A amostra foi delineada de modo a contemplar as décadas de 1930, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010. Salienta-se aqui que o município foi colonizado em meados da década de 1950, no entanto, utiliza-se o recorte a partir de 1930 pois se considera contemplar os nomes dos colonizadores do local, que já chegaram na referida cidade jovens ou adultos.

Para cada década, foram selecionados 17 nomes justapostos femininos e 17 nomes justapostos masculinos. Para a década de 2010; foram contabilizados 6 nomes justapostos para cada sexo, totalizando 12. Tal medida foi feita devido ao fato de que a pesquisa foi realizada em 2015, momento que se encontrava na metade da década.

Na construção da amostra, foi desconsiderada a análise documental, como também o uso de questionário, uma vez que o uso destes não fornecem com precisão as informações necessárias. Portanto, as entrevistas semiestruturadas foram usadas a fim de que a maior quantidade de informações pudesse ser recolhida. Segundo Poupart (1997), o uso desse método permite que se faça uma entrevista em tom dialogal, permitindo que o entrevistado fique mais à vontade para responder as perguntas e que assim, o pesquisador possa, com menos interferência, ter maiores informações.

Nessa perspectiva, por se tratar de uma pesquisa de cunho social, há de se considerar o *paradoxo do observador*. Para Labov (1984) tal fenômeno consiste em o pesquisador, uma vez inserido no campo de pesquisa, deve não influenciar de forma significativa nas respostas do informante. Para isso, é necessário que o pesquisador se aproxime da comunidade a ser estudada e que não intimide o informante da pesquisa.

As perguntas foram realizadas de maneira informal, são elas: De onde sua família é? Onde você trabalha? Qual é a sua idade? Onde você nasceu? Qual a sua

profissão? Qual a sua religião? E da sua família? Quem escolheu seu primeiro e segundo nome? Você poderia dizer por que seus pais/mãe/pai escolherem esse nome? Você tem algum apelido? Como as pessoas te chamam? Você tem irmãos? Como é/são o(s) nome(s) dele(s)? Você saberia dizer por que seus pais/mãe/pai escolherem tais nomes para seus irmãos? Você tem filhos? Quais são os nomes deles? Por que você escolheu esses nomes? Você teve outra opção para nomear seu/a filho/a? Você saberia informar quais os nomes, na época, que você mais ouvia? Você conseguiria dizer a primeira vez que ouviu o nome de seu/a filho/a? Você tinha alguma outra opção para nomear seu /a filho/a?

Para realizar as entrevistas, foram selecionados os próprios portadores dos nomes justapostos, como também pais que tivessem filhos com nomes justapostos. A fim de contemplar os números de nomes por década, foi necessário recorrer a diferentes formas: primeiramente, foi-se a um estabelecimento comercial de um dos colonizadores, que informou possíveis entrevistados. Dessa forma, cada entrevistado sugeria novas pessoas. Por fim, para contemplar as crianças a partir de 2000, foi necessário ir à creche municipal da cidade e contatar os pais sobre a pesquisa. Aqueles que responderam positivamente, foram entrevistados.

Após a quantificação dos dados e categorização das motivações, as entrevistas foram transcritas e os nomes foram categorizados de acordo com as motivações mencionadas anteriormente: modelo atribuição tradicional religiosa e homenagem à família; modelo de atribuição de moda através da mídia ou estética do nome e, por fim, os modelos de atribuição livre. Em seguida, na análise qualitativa, os dados foram relacionados aos fatos sociais e culturais do município, relacionando as mudanças da prática de nomeação com os eventos.

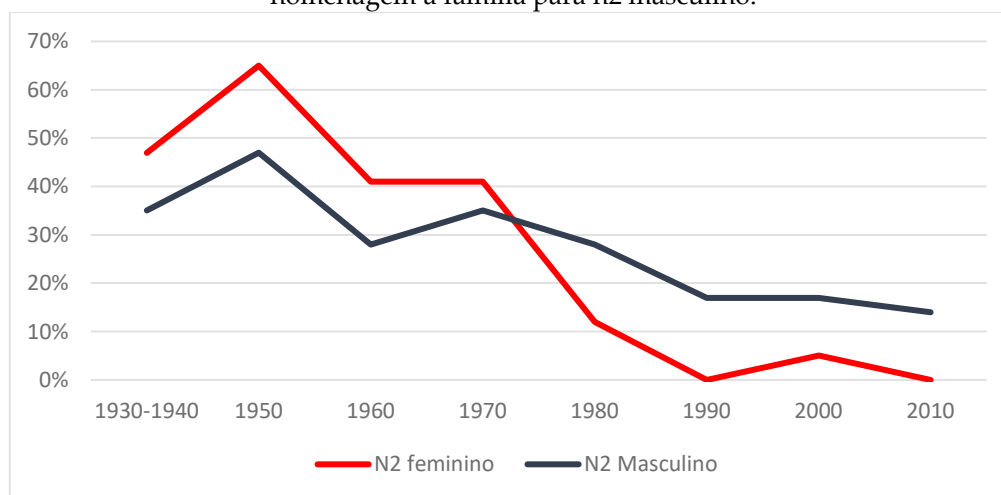
4 Análise dos principais dados: n2 feminino e n2 masculino

A análise qualitativa mostra divergências na prática de nomeação de n2 feminino quanto em n2 masculino. A fim de maximizar os resultados da pesquisa, as motivações foram contabilizadas a partir da categorização das motivações; os dados foram analisados. Em seguida, os números obtidos foram relacionados dentro do corte diacrônico, ou seja, dentro do eixo cronológico de análise.

Ressalta-se aqui que, para o presente artigo, os resultados mais significativos obtidos na pesquisa são explicitados; estes são referentes ao comportamento dos modelos atributivos tradicional e da moda dentro do período de análise: 1930-1940 até 2014.

O gráfico a seguir ilustra os resultados para o modelo de atribuição tradicional para n2 feminino e homenagem aos familiares para n2 masculino.

Gráfico 1 – Predominância dos modelos atributivos tradicionais: religião para n2 feminino e homenagem à família para n2 masculino.



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2016).

A partir da análise realizada, constatou-se que, para n2 feminino, o modelo atributivo tradicional religião foi o mais mencionado e, para n2 masculino, o modelo atributivo tradicional homenagem aos familiares é o mais relevante. Na década de 1930-1940, n2 feminino contabiliza 47% das motivações religiosas, enquanto que para

n2 masculino, a mesma motivação totaliza 35%. Considera-se como hipóteses que podem justificar as atribuições que, para os nomes n2 feminino, a religião seja mais fortemente marcada e, para os nomes n2 masculinos, o sistema patriarcal predomine na norma antroponímica, ou seja, o nome do pai de família sendo passado de geração em geração, assim como o sobrenome.

O que se observa, no *corpus* de nomes femininos, é que muitas atribuíram nomes de santos às filhas porque são devotas de algum santo. Por exemplo, Maria Ivone (71), menciona sobre a prática de dar nomes santos era uma norma na região: “*Olha, naquela época, naquela região, as pessoas sempre colocavam dois nomes no filho, e sempre nomes de santos, católicos né (...)*”. Observa-se ainda que 94% dos entrevistados são católicos. Das mulheres entrevistadas, muitas são donas de casas e católicas praticantes que também atribuíram nomes religiosos aos filhos, por exemplo, Odete Lurdes (74): “*O meu padrinho sugeriu Bernadete de Lurdes por causa de Nossa Senhora de Lurdes (...)*” e Norma Madalena (73) que complementa, ao falar sobre seu n2, “*Eu tenho esse nome porque nasci dia 29 de maio né, dia de Maria Madalena*”.

A religião foi um fator preponderante no período de colonização do município de Marechal Cândido Rondon; a igreja era o centro de socialização da comunidade. Nesse sentido, Deitos (2007) aborda a relação colonizadores e igreja:

Ao transparecer afinidades das populações migrantes com a Igreja Católica, estas de fundamentam na experiência em que grupos de imigrantes tinham no Rio Grande do Sul, onde a situação de isolamento e abandono do poder público ao chegarem àquele Estado fez com que o catolicismo tivesse um papel fundamental no processo de organização de nova vida. No caso das colônias italianas no Rio Grande do Sul, a presença do catolicismo colocava-se como força de nominação. Está herança também pode ser relacionada, em parte, com o processo de colonização do oeste do Paraná. (DEITOS, 2007, p. 185).

Isso demonstra que atribuir nomes de santos às mulheres explicitava o fator social da igreja naquele momento. A partir das narrativas, observa-se que as mulheres

eram devotas e praticantes da religião, logo, suas filhas haveriam de ter nome relacionados à religiosidade; a entrevista de Noeli Maria (74), aponta para o fato: “(...) *Maria por causa da igreja*”.

No que se refere aos nomes masculinos, tendo em vista o sistema patriarcal da época, o nome do patriarca era preservado e enaltecido, sendo mantido nas gerações seguintes. É possível que houvesse a preocupação por manter tanto o sobrenome quanto o nome. A entrevista de João de Deus (71) exemplifica tal fato: “*Olha, pelo que eu saiba é porque meus avós maternos e paternos, um paterno é João de Deus de Siqueira e o materno é João Cardoso e isso influenciou o meu nome, daí meu bisavô paterno também é João*” e a entrevista João Domingos (67) também, o entrevistado, ao relatar sobre seu segundo nome, afirma: “*Domingos porque meu avô se chamava Domingos*”.

Nas demais décadas, as duas motivações aumentam. Em 1950, há o ápice dos modelos atributivos; n2 feminino contabiliza em 65% das ocorrências em motivação religiosa, enquanto para n2 masculino somam-se 47%.

Interessante ressaltar que os filhos dos colonizadores compõem os nomes da década de 1950 e 1960, o que mostra uma norma antroponímica semelhante aos dos pais: predominância de nomes religiosos para as mulheres e nomes dos avôs para os homens. Menciona-se ainda, a quantidade de nomes repetidos para n2 feminino, o que mostra a pouca diversificação dos nomes próprios, por exemplo: *Teresinha/Terezinha: Marli Terezinha, Ederli Terezinha, Alice Teresinha e Marlene Terezinha* e o antropônimo Maria: *Edi Maria, Fátima Maria, Maria Helena, Maria Aparecida, Flávia Maria, Maria Helena, Elci Maria, Elita Maria, Helena Maria e Áurea Maria*.

Após essa década, o que se observa é que tais motivações são menos utilizadas nas décadas posteriores. Entre 1960 e 1970, os números são relativamente estáveis, tendo apenas n2 masculino uma breve oscilação: n2 feminino estabiliza 41% nas duas décadas, enquanto n2 masculino contabiliza 28% e 29%, respectivamente.

A partir de 1970, os números de ocorrências para os modelos atributivos tradicionais decaem significativamente para ambos os sexos. Há de se observar que nessa época, o município se consolidava e pessoas de diferentes lugares ali se instalaram.

Em 1980, a motivação religiosa decaiu para 11%, ou seja, menos da metade das ocorrências já observadas. Em n2 masculino, a diminuição é menos acentuada, contabiliza novamente 28%.

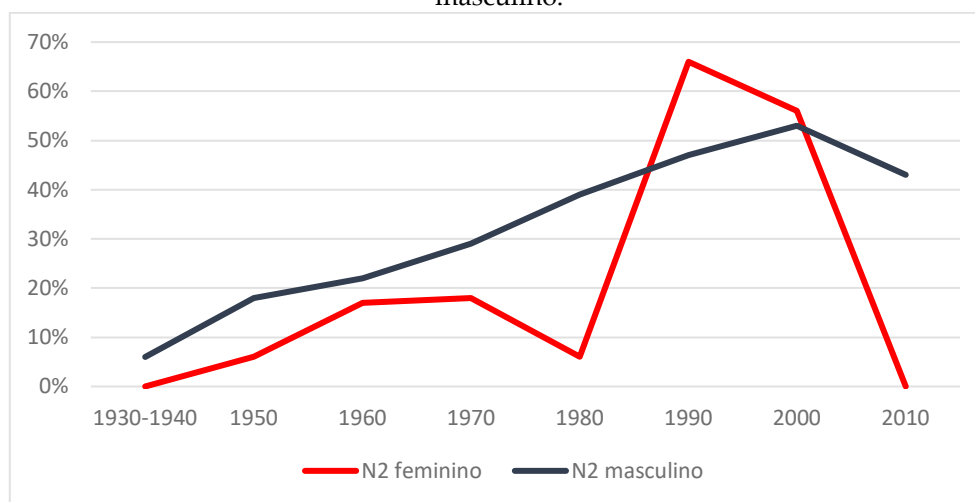
Já na década de 1990, o modelo de atribuição tradicional religião para n2 feminino não obteve nenhuma ocorrência, ou seja, não houve menção a essa motivação na década referida. Isso demonstra uma diferença de 47% do número de ocorrência em um período de 50 anos. Para n2 masculino decaiu para 17%.

No período de 1990 a 2010 em n2 feminino, observa-se que em 2000 houve 5% de ocorrências e, depois, o número de motivações cai a zero novamente.

Tais dados mencionados no gráfico 1 referentes à década de 1980 e 1990, complementam-se no gráfico 2, que ilustra o comportamento do modelo atributivo da moda. Dessa forma, o outro modelo atributivo de destaque é a motivação da moda: estética e mídia. Os antropônimos atribuídos por tal motivação são aqueles em que os pais podem escolher devido a uma questão estética: nome ser bonito para os pais, pela sonoridade ser agradável ou ainda por uma questão ortográfica – nomes com uma grafia simples ou diferente daquela usualmente utilizada. Também, nomes da moda são aqueles veiculados na mídia: nomes de personagens de uma novela, nome de celebridades, cantores e entre outros.

O gráfico a seguir aponta os dados obtidos no eixo cronológico para essa motivação:

Gráfico 2 - Predominância dos modelos atributivos da moda: estética e moda para n2 feminino e n2 masculino.



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2016).

Observa-se que o modelo de atribuição da moda assume quantitativa significativa e ocorrências em ambos os sexos a partir de 1980. No período de 1930-1940 até 1960, houve um aumento em n2 feminino de 0% a 17%, enquanto que para n2 masculino, de 6% a 22%. Embora ainda de maneira sutil, a moda já estava presente nas primeiras décadas para n2 masculino.

Entre 1960 a 1980, a influência da moda para nomes femininos diminuiu: de 17% decaiu para 6%, ao passo que em n2 masculino de 22% o número aumentou para 39%. Em 1970, foi o surgimento, pela primeira vez, do modelo de atribuição da moda por influência da mídia em n2 masculino. A mãe de Jackson Régis (36) comenta: *Régis fui eu que escolhi [...] na época tinha um jogador de futebol muito famoso com o nome de Régis*".

No período de 1980 e 1990, a moda obteve um salto para n2 feminino de 6% para 66%, isto é, um aumento significativo de 60%. Em n2 masculino, o aumento foi de 6%, ou seja, totalizou 47%.

Segundo os dados, as mudanças foram gradativamente percebidas em n2 feminino e masculino; os gráficos se complementam, no momento em que as motivações tradicionais decaem, as motivações da moda aumentam. A porcentagem de ocorrências de modelos atributivos tradicionais era maior nas décadas iniciais, já

na década de 1980, elas decaem, conseqüentemente, outras motivações são mencionadas, como por exemplo as motivações por eleição livre.

Tais mudanças na norma antroponímica instigam a pensar nas hipóteses que levaram a ocorrer mudanças. Em 1960, a rádio de Marechal Cândido Rondon começou a transmitir programas para a região. Nessa perspectiva, a televisão também começou a ser vendida em todo o território brasileiro. Em 1980, a televisão já se era um objeto indispensável nas residências, sendo a partir de então aprimorado.

Em 1990, n2 feminino teve alta ocorrência do modelo moda, em 2000 foram contabilizadas 56% das ocorrências, no entanto em 2010, não houve nenhuma ocorrência. Por fim, para n2 masculino, de 47% em 1990, a moda aumentou para 57% em 2000 e 2010, uma breve decaída para 43%. Nas entrevistas sobre os antropônimos femininos, aponta-se a entrevista de Celi Cristina explica a escolha do n2 de sua filha Jhenifer Tuisy (24): *“Quando eu era pequena eu queria ser modelo e aí tinha a Twiggy, a primeira modelo magra dos Estados Unidos, aí eu não podia escrever Twiggy, eu tive que adequar, aí escrevi Tuisy (...) eu coloquei y igual”*; Aline Taís também comenta o próprio n2: *“(...) Taís por causa de uma novela da época”*. Para n2 masculino, há o relato de Joelson Michael (17): *“Ficou Michael, de Michael Jackson, o pai gostava dele”*.

É pertinente mencionar que além da análise das motivações, outros dados puderam ser analisados, com por exemplo, a quantidade de nomes diferentes que começaram a ser mencionados a partir de 1990 para n2 feminino, como: *Vaniela Djane, Gabriela Natasha, Edla Samara, Inajaia Kauana, Rejane Elisa e Ivair Geovane, César Alexandre, Éder Dailor, Cassiano Ricardo, Willian Renan, Jhenifer Tuisy, Jéssica Caroline, Aline Taís e Idiana Mara*.

Tendo em vista tais mudanças, a pesquisa se deteve em explicar o porquê que mudanças na norma antroponímica ocorriam, questionamentos surgiram como: Por que os pais sentem a necessidade de atribuir nomes da “moda” para os filhos em um

determinando momento histórico? Por que os antropônimos de origem religiosa foram ausentes na década de 1990, no *corpus* analisado? (FRAI, 2016, p. 109).

Ao se utilizar da pesquisa dos nomes próprios sob o viés social e culturas, ou seja, um estudo interdisciplinar, buscou-se, portanto, os estudos de Hall (1992) a respeito de identidade e cultura. O autor o conceito de Identidade cultural e Identidade nacional. A primeira refere-se ao reconhecimento do ser na sociedade a qual pertence, e a segunda refere-se à organização de um discurso, que faz o indivíduo se sentir pertencente a um lugar (HALL, 1992, p. 13).

Adiante, o sociólogo analisa o processo de mudança dessas identidades a partir do fenômeno da globalização. Nesse ponto, ele afirma que a identidade se transforma, é mutável: “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente” (HALL, 1992, p. 2, grifos do autor).

Assim, o sujeito é passível de mudanças de valores, conseqüentemente, ocasionando sucessivas mudanças de gostos e preferências. Isso justifica o fato de determinadas motivações serem utilizadas em um determinado momento e outras não. A partir do sujeito pós-moderno, no final do século XX, essas mudanças se intensificaram: a cultura, as crenças e a nacionalidade começaram a se fragmentar devido à globalização. De acordo com o autor, tal fenômeno denominado-se *descentramento*.

Isso explica por que os nomes da moda foram escolhidos a partir do momento em que as pessoas tiveram acesso às diferentes culturas, através dos veículos midiáticos. O mesmo fenômeno foi observado por Ngade (2011) em um estudo sobre a comunidade africana Bakossi. A norma antroponímica do local era enaltecida e mantida a partir da atribuição de nomes tradicionais, como homenagem aos ancestrais, no entanto, a partir da globalização, os pais começaram a atribuir nomes encontrados em fontes midiáticas.

Portanto, observar o movimento da globalização como fator influenciador da prática de nomeação, não é algo restrito da comunidade rondonense, nem mesmo da comunidade Bakossi. López Franco (2011) também já observara tal relação nos antropônimos mexicanos. Dessa forma, isso comprova que a questão do *descentramento* de Hall (1992) é um fator existente em todas as comunidades que possuem contato com outras.

5 Considerações finais

Os nomes próprios de pessoas podem revelar marca identitárias e culturais de uma determinada comunidade. Ao estudar os nomes próprios de pessoas, também denominados cientificamente de antropônimos, é possível observar que a escolha dos pais ao atribuírem um nome ao filho não é uma escolha aleatória, quer seja em uma comunidade paranaense, quer seja em uma comunidade africada ou até mesmo na Idade Medieval. O fato é que antropônimos são um reflexo de uma sociedade culturalmente estabelecida, mutável, que se modifica a todo instante.

O objetivo do presente artigo foi explicitar os principais resultados de uma dissertação de mestrado defendida em 2016. Tal pesquisa analisou quais modelos atributivos os pais escolhem para atribuir um nome ao filho dentro de um corte diacrônico de 1930 até 2014; como também, analisar de que forma os fatores sociais e culturais podem influenciar em tais escolhas.

Para que se pudesse realmente conhecer o porquê de os pais atribuem um segundo prenome aos filhos, foi escolhido para a geração de dados a realização de entrevistas semiestruturadas - entrevista em que há possibilidade de conversar abertamente com o entrevistado. Esse detalhamento da metodologia é de fundamental importância para a pesquisa Antroponomástica, pois contribui para o fortalecimento dessa área de estudos, evidenciando assim que há cientificidade e métodos adequados a serem seguidos em uma pesquisa dessa área. Nesse sentido, a pesquisa ora

mencionada se utilizou de uma metodologia própria, que foi construída ao longo na necessidade do pesquisador em coletar e categorizar o objeto de estudo.

Os dados mostraram que o segundo nome é atribuído de forma distinta para homens e mulheres. Enquanto que, nas décadas de 1930 e 1940, predominava os modelos atributivos tradicionais, nomes religiosos para n2 feminino e homenagem aos familiares para n2 masculino, na década de 1990, predominava o modelo atributivo da moda para ambos os sexos. Nessa perspectiva, considerando um corte diacrônico, analisa-se que fatores históricos, sociais e culturais influenciam na norma antroponímica, como a marcação religiosa da Igreja Católica no período de colonização, como também o processo de *descentramento*, discutido por Hall (1992), ocorrido devido ao processo de globalização.

Outro avanço da pesquisa é a contribuição no que diz respeito aos estudos identitários e culturais da cidade de Marechal Cândido Rondon. Estudar os nomes próprios de pessoas à luz da Sócio-Onomástica enriquece as análises antroponímicas, conseqüentemente, contribui para o entendimento da formação cultural e da norma antroponímica do oeste do Paraná.

Referências bibliográficas

BIDERMAN, M. T. C. O Léxico. *In*: OLIVEIRA, A.M.P.P; ISQUERDO; A.P. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Editora UFMS, Campo Grande, 1998.

BRAMWELL, E. S. **Naming and transplanted traditions**: change and continuity in Glasgow's Pakistani Muslim community. *Onoma*. Glasgow: p. 29-51, 2011

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 2. ed. FFLCH: São Paulo, 1992.

FRAI, P. H. **Motivação para a escolha de um segundo nome na antroponímia rondonense**. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em letras - área de concentração: linguagem e sociedade) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

GRESPLAN, T. **Antroponímia de Toledo – Paraná – 1954-2004: aspectos inovadores**. 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Área de concentração: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2014.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HALL, S. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. DP&A, Rio de Janeiro, 1992.

JIMÉNEZ SEGURA, S. **Los modelos de atribución del nombre de pila tradicional y a partir de la moda en el municipio de Tlalnepantla de Baz, estado de México**. Estudio sincrónico y diacrónico de tres calas: 1930, 1960 y 1990. 2014. Dissertação de Mestrado – Escuela Nacional de Antropología e Historia, México, 2014.

LABOV, W. **Field methods of the Project on Linguistic change and variation**. Disponível em : <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/L470/Labov1984.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2014.

LÓPEZ FRANCO, Y. G. **Un siglo de nombres de pila en Tlalnepantla de Baz**. Universidad Nacional Autónoma de México. México: Plaza y Valdés. 2010.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: S.A: 1996.

NGADE, I. Bakossi names, naming culture and identify. **Journal of African Cultural Studies**, vol. 23, n. 2, p. 111-120, 2011. DOI <https://doi.org/10.1080/13696815.2011.637880>

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: questões epistemológicas e metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 215 – 253.

SANTOS, M. L. F. de Oliveira Silva. **A Onomástica, o indivíduo e o grupo**. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/389/1/Maria_Santos_p229-242.pdf. Acesso em: 19 fev. 2013

SEIDE, M. S. Motivações contemporâneas para a escolha do antropônimo. **Revista Entreletras**, n. 02, p. 90- 101, 2013.

TARALLO, F. **A Pesquisa Socio-lingüística**. 7. ed. São Paulo: Ática: 2001.

VAN LANGENDONCK, W. **Theory and Typology of Proper Names**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2007. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110197853>

VESCOVI, J. P. **Prenomes e sobrenomes em Palotina-PR e em Maripá-PR: um estudo comparativo**. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Área de concentração: Linguagem e Sociedade), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2014.

Artigo recebido em: 03.06.2019

Artigo aprovado em: 30.12.2019